

Concerto do Centenário apresenta poema inédito de Vasco Graça Moura

Centenário da U.Porto celebrado com música sinfónica portuguesa no Coliseu do Porto

No próximo dia 22 de Março, Dia do Centenário, os festejos dos 100 anos da Universidade do Porto vão estender-se até à emblemática sala do Coliseu do Porto. Aí terá lugar, pelas 21h30, um concerto de música sinfónica portuguesa aberto a toda a população, com interpretação a cargo da Orquestra do Norte, dirigida pelo seu maestro titular e director artístico, José Ferreira Lobo.

Iniciando com um repertório de obras compostas durante o século que agora se comemora, o Concerto Comemorativo do Centenário da U.Porto (ver programa em anexo) tem como ponto alto o momento em que o Coral de Letras se juntará à Orquestra do Norte para interpretar “No Coração do Porto”. Encomendada expressamente para o Centenário, esta obra combina a música de Fernando Lapa e um poema inédito de Vasco Graça Moura em homenagem à cidade. Antes, terá lugar a audição inédita de “Poema para Violoncelo e Orquestra”, de Luís Costa.

Os bilhetes para o concerto já estão à venda nas bilheteiras do Coliseu do Porto. O preço varia entre os 10 e os 25 euros, estando previsto um desconto de 20% para os membros da comunidade académica da U.Porto, mediante a apresentação do Cartão Universitário.

O Concerto do Centenário integra o ciclo de eventos que ao longo dos próximos dias, vão assinalar o centésimo aniversário da U.Porto. As celebrações iniciam já amanhã, com a abertura da 9.^a Mostra de Ciência, Ensino e Inovação, no Pavilhão Rosa Mota. A 22 de Março, a festa arranca logo às 00h01, com uma Serenata Monumental protagonizada por estudantes da U.Porto junto à fachada do edifício da Reitoria (Praça Gomes Teixeira). Da parte da tarde, o Presidente da República presidirá a Sessão Solene do Dia do Centenário no Salão Nobre da Reitoria. As celebrações prolongam-se até 24 e 25 de Março, dias em que várias figuras portuguesas e estrangeiras ligadas a diversas áreas do saber vão “Preparar o Futuro” da U.Porto na Faculdade de Engenharia, palco da Conferência do Centenário.

Contamos convosco.

Gabinete de Imprensa
Porto, 16 de Março de 2011



Para mais informações, contactar Raul Santos: 91 630 08 96

Reitoria da Universidade do Porto | Gabinete de Imprensa | imprensa@reit.up.pt | tlf: 220408176

A Universidade do Porto comemora 100 anos em 2011. Acompanhe a programação em <http://centenario.up.pt>

MÚSICA
SINFÓNICA
PORTUGUESA
22 MARÇO

CONCERTO COMEMORATIVO
DO CENTENÁRIO
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

NOTA DE ABERTURA

O Dia do Centenário, que hoje se celebra e que assinala o arranque das comemorações dos 100 anos da Universidade do Porto, conheceu já dois importantes momentos. Na Praça dos Leões teve lugar a Serenata Monumental, logo às 00h01, e mais tarde, às 16h00, realizou-se, no Salão Nobre da Reitoria, a Sessão Solene de Comemorações do Centenário, cujo orador convidado foi o Prof. Eduardo Lourenço. Por conseguinte, o presente Concerto de Música Sinfónica Portuguesa é o culminar de um dia de grande regozijo para a Universidade do Porto e que marca o início de um calendário de eventos que reputamos de elevada qualidade.

Para este concerto de celebração do Centenário seleccionámos apenas peças da autoria de compositores portugueses contemporâneos, os quais são, com injustiça, muitas vezes esquecidos pelo grande público. Quisemos assim enaltecer e contribuir para resgatar do esquecimento o grande património musical português do século XX, tendo para tanto definido um repertório bastante rico e heterogéneo. Acresce que todas as peças vão ser executadas pela Orquestra do Norte, dirigida pelo seu maestro titular e director artístico, José Ferreira Lobo.

Na primeira parte ouviremos o “Stacatto Brillhante”, de Joly Braga Santos, “Almouro!”, de Francisco Lacerda, e a “Suite Alentejana n.º 2,” de Luís de Freitas Branco. Para a segunda parte, estão previstas duas primeiras audições: uma peça para orquestra, “Poema para Violoncelo e Orquestra”, de Luís Costa, e uma peça coral sinfónica, “No coração do Porto”. Importa salientar que esta última peça foi encomendada expressamente para

o Centenário, sendo a composição da autoria de Fernando Lapa e os versos do poeta Vasco Graça Moura. Este trabalho conjunto de duas figuras cimeiras da cultura portuguesa actual merece, necessariamente, uma particular atenção, por constituir uma oportunidade de constatar a vitalidade da música sinfónica nacional e de desfrutar de um diálogo, que cremos pertinente, entre o talento orquestral de Fernando Lapa e a beleza das palavras de Vasco Graça Moura.

Com este intróito, pretendemos então relevar o interesse cultural do concerto de hoje e de como ele define o padrão de qualidade que norteia o programa de comemorações do Centenário da Universidade do Porto, para cujos eventos gostaríamos de contar com a participação de todos. É com muito gosto que convidamos, não apenas a comunidade académica nacional e internacional, mas os cidadãos em geral para a celebração dos nossos 100 anos. Aliás, é nossa intenção que as comemorações sirvam, justamente, para consolidar o espírito dialogante e solidário que tem marcado o relacionamento da Universidade do Porto com a sociedade onde está inserida.

Na organização destes momentos musicais, a interacção com os antigos estudantes da Universidade do Porto foi igualmente tida em particular consideração. É nossa pretensão que estes membros da comunidade académica se associem aos actuais estudantes, reforçando-se assim, através da música e da presença conjunta neste concerto, o “espírito de corpo” que encerra a riqueza das instituições.

O Centenário é uma efeméride de grande simbolismo para a Universidade do Porto, pelo que preparámos um programa comemorativo que consideramos atractivo, mobilizador e dignificante. Estão previstos eventos de divulgação científica, exposições de acervos museológicos, manifestações artísticas, competições desportivas, edições especiais de livros, conferências temáticas, encontros de reflexão, entre outras iniciativas de inegável interesse público. Tudo isto para que os 100 anos da Universidade do Porto sejam condignamente celebrados e, deste modo, a instituição veja reforçada a dinâmica académica que tem vindo a revelar ao longo da sua história.

Com raízes no século XVIII, a Universidade do Porto foi oficialmente constituída a 22 de Março de 1911. A partir de então, afirmou-se como uma instituição de referência do nosso ensino superior, contribuindo largamente para qualificar a população e formar elites. Distinguiu-se também na produção científica, reforçando a competitividade da investigação portuguesa à escala global. Promoveu ainda o desenvolvimento económico do país, através da valorização do conhecimento e da transferência de tecnologia. Criou uma dinâmica cultural vigorosa e contemporânea, onde avultam diferentes manifestações artísticas. E foi igualmente capaz de se abrir ao mundo, concretizando uma estratégia de cooperação internacional que se tem revelado muito profícua.

Importa, contudo, ressaltar que o programa do Centenário não visa a mera glorificação do passado. Com o contributo de todos, é nosso intuito aproveitar a data para reflectir, debater e preparar o futuro da Universidade do Porto à luz dos ensinamentos históricos de um legado que muito nos orgulha. As instituições do ensino superior têm um papel fundamental na promoção dos valores da investigação científica, da inovação tecnológica, da criatividade artística e do pensamento humanístico. E é esse papel que desejamos cumprir na celebração do Centenário.

José Carlos Marques dos Santos

REITOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

No ano em que comemora
o seu centésimo aniversário,
a Universidade do Porto
apresenta um concerto
inteiramente preenchido por
obras de autores portugueses.

22 MARÇO 2011

PROGRAMA

1.ª PARTE

Staccato Brillhante,
Joly de Braga Santos

Almourol,
Francisco Lacerda

Suite Alentejana n.º 2,
Luís de Freitas Branco

2.ª PARTE

Poema para violoncelo e orquestra,
Luís Costa
1.ª Audição

No coração do Porto,
Fernando Lapa, sobre versos de Vasco Graça Moura
*(Peça coral sinfónica encomendada
expressamente para o Centenário
da Universidade do Porto)*

Joly de Braga Santos

Sobre Joly de Braga Santos (1924-1988), que foi um dos mais conhecidos compositores portugueses do século vinte. Começou por estudar violino com apenas 6 anos de idade e composição a partir dos 10. Foi aluno de Luís de Freitas Branco, estudou composição com Virgílio Mortari, direcção de Orquestra com Herman Scherchen e Antonino Votto, e professor de António Vitorino d'Almeida.

As suas viagens, formação e atenção aos desenvolvimentos musicais na Europa, imprimiram ao seu trabalho diversas influências internacionais desenvolvidas continuamente de acordo com as tendências prevalentes, que se reconhecem em linhas estilísticas de uma consistente inclinação melódica e rítmica.

De toda a produção musical conseguida nos seus 64 anos de vida, as suas seis sinfonias são as obras mais conhecidas, mas escreveu ainda três óperas, três bailados, inúmeros concertos e obras orquestrais, cinco cantatas e um Requiem, dois quartetos para cordas, música de câmara, bandas sonoras e diversas canções.

Este ***Staccato Brillante***, escrito no último ano de vida com compositor e de uma curta duração (aproximadamente dois minutos), desenvolve-se num andamento muito rápido e destina-se, essencialmente a ser utilizada como abertura ou encore de concertos.

Francisco Lacerda

Francisco Lacerda (1869-1934), foi um musicólogo, compositor e maestro Açoriano de grande prestígio internacional. O seu legado inclui os quadros sinfónicos *Almourol* e *Alcácer*, música de cena para *A Intrusa de Maurice Maeterlinck*, música de bailado, peças para órgão, piano, guitarra, trios e quartetos de cordas, e um conjunto de trinta e seis peças intituladas *Trovas para voz e piano*.

Do poema sinfónico ***Almourol*** composto em 1926 (aquando do auge da sua actividade profissional), não existem indicações precisas sobre a data de estreia, embora se suponha que tenha sido em 1936, no Porto, no Teatro Rivoli, numa interpretação da Orquestra Sinfónica Nacional dirigida por Pedro de Freitas Branco. Toda esta obra impressionista que evoca o antigo castelo templário situado nas margens do rio Tejo, é atravessada por uma atmosfera nostálgica e fúnebre, sustentada pelo *Assai lento* e por uma orquestração através do qual o compositor alcança um equilíbrio perfeito entre as sonoridades mais cristalinas e o vigor do conjunto sinfónico

Luís de Freitas Branco

Luís de Freitas Branco (1890-1955) foi uma das mais importantes figuras da cultura portuguesa do século XX, nasceu numa família vocacionada para a música, da qual se destaca também o seu irmão, grande maestro português, Pedro de Freitas Branco. Aos vinte anos parte para Berlim e, depois, Paris, estudando com Humperdinck, conhecendo Debussy e mantendo-se a par da evolução da melhor música europeia.

É considerado como uma figura incontornável do modernismo português pelas características vanguardistas de obras como os poemas sinfónicos Paraísos Artificiais ou Vathek. Não obstante, o seu profundo nacionalismo é patente nas suas quatro sinfonias de inspiração mais clássica na polifonia portuguesa.

O interesse pelas raízes da música portuguesa é um caso especial na obra do compositor que teve no Alentejo a sua musa para as incursões nessa área, das quais as suas Suítes Alentejanas (a 1.ª escritas em 1919 e a 2.ª em 1927) são o modelo, e nas quais Freitas Branco explora a nota popular do folclore português orquestrado de uma forma brilhante.

Já em pleno contexto da ditadura, harmonizou em 1943 dezenas de canções populares para voz e piano e para coro, sobretudo do Alentejo, mostrando enorme versatilidade, por vezes com um travo semelhante ao que Fernando Lopes-Graça explorava na mesma época.

Luís Costa

Luís Costa (1879-1960), é um nome cimeiro entre os pianistas e compositores portugueses. Muito viajado, foi aluno de grandes mestres como Bernardo Moreira de Sá, Viana da Mota e Ferruccio Busoni, e colega de Conrad Ansorge e Bernardo Stavenhagen. Sobre ele, escreveu-se em 1950 “O Norte não tem artista que se lhe compare. Como pianista, professor e compositor, é uma das mais altas e inconfundíveis personalidades do nosso meio, nas últimas três décadas”.

A sua obra Poema, foi escrita para Piano e Violoncelo, sobre a qual Pedro Faria Gomes completou e orquestrou.

A partitura de Poema, para violoncelo e orquestra, foi por mim elaborada a partir de um manuscrito para violoncelo e piano em que Luiz Costa projectou esta obra, sem que tenha no entanto chegado a concluí-la. Faltando a este original algumas informações importantes para a (re)constituição da peça (nomeadamente a nível de dinâmica, articulação, por vezes de andamento e harmonia), coube-me a mim, por convite da Professora Madalena Sá e Costa, o desafio de interpretar as ideias que o manuscrito apresentava e atribuí-las a uma sonoridade orquestral inicialmente planeada.

(...)

Tratando-se de uma forma sonata (de certa maneira encoberta pelas mudanças de carácter e de andamento que contém), com uma coda alargada, esta composição funciona também como um concerto compacto, em um só andamento, para violoncelo. A última secção inclui uma cadência para o solista que não figurava no manuscrito de Luiz Costa mas cuja existência naquele ponto era, de forma não explícita, sugerida.

Foi com este princípio que a partitura foi completada e orquestrada: tentando encontrar e traduzir o mais possível a ideia original, sendo que esse processo não foi sempre linear. Envolveu a utilização de algum material novo, outras vezes o desenvolvimento de elementos, mas em última análise com o objectivo de se aproximar do espírito e fazendo a melhor justiça ao manuscrito original.

Fernando Lapa

Nascido em Vila Real, em 1950, Fernando Lapa fez os seus estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, onde concluiu o Curso Superior de Composição, na classe do prof. Cândido Lima. Autor de vasta obra, estreou até ao presente mais centena e meia de peças, desde a música sinfónica à ópera ou concerto, passando pela música coral, de câmara, para teatro ou cinema, etc. Diversas obras suas têm sido repetidamente executadas, em centenas de concertos, tanto no país como no estrangeiro (Espanha, França, Alemanha, Itália, Bélgica, Polónia, Hungria, Finlândia, Macedónia, Egito, Índia, Japão, México, Brasil, Canadá, EUA). Vários concertos em que figuravam obras suas foram transmitidos pela RDP, RTP e outras estações de rádio e televisão. Está representado em numerosas gravações em CD e tem partituras editadas em Portugal e na Alemanha. Dirigiu o Coro Académico da Universidade do Minho durante 16 anos, tendo-se apresentado à frente desta formação em mais de 300 actuações e concertos, tanto no país como no estrangeiro. É frequentemente convidado para colóquios, palestras e cursos, ou para fazer parte dos júris de inúmeros prémios e concursos. Autor de textos de crítica musical no jornal “Público” entre 1994 e 2006, tem ainda vários artigos publicados em livros, revistas e jornais. É professor de Análise e Técnicas de Composição no Conservatório de Música do Porto desde 1984 e de Composição e Orquestração na ESMAE no Porto.

no coração do porto

Esta obra segue a par e passo o expressivo poema de Vasco Graça Moura, que lhe emprestou o título. A sua escrita corrida, narrativa e horizontal, retrata a nossa cidade em pinceladas seguras e únicas. Tal como uma aguarela.

Ainda que o poema deva ser lido como um todo, há em cada uma das estrofes um certo traço peculiar que me sugeriu diversas e individualizadas opções de escrita musical. Quase poderia falar de “andamentos”, pese embora a brevidade de cada um.

Mais narrativa, a primeira estrofe desenrola-se numa escrita plana, de tratamento homofónico e silábico. Os registos extremos de que o poema se faz eco (“a fonte jorra” e “a noite forra figurinhas escuras do Alvarez”) sugerem uma diversa cor harmónica, alternando entre claro e escuro.

O gesto progressivo e crescente de “é quando sai do ventre da manhã”, que vemos na segunda estrofe, remete para o mundo da polifonia. Essa teia de vozes, que tem tanto de essencial e simplificado, quanto de gesto orientado e dinâmico, vai projectar-se finalmente em “o sol contra o granito”, num evidente sublinhado, no registo agudo.

“do coração do porto até ao mundo”, o verso com que termina a terceira estrofe, constitui a meu ver a afirmação central de todo o poema, sublinhando a vocação universalista de uma universidade cada vez mais voltada para o exterior. A escrita musical é por isso mesmo afirmativa e aberta, na única passagem em toda a obra em que se aproxima de um hino.

A última estrofe alude às sombras do presente, num registo mais crepuscular, sugerindo uma tradução musical menos linear e imediata. No entanto o poema termina com um verso tão inesperado, quanto sugestivo: “mas nele (gilreu) empoleirou-se uma gaivota”. Esta imagem feliz, que sintetiza bem o carácter da cidade, conduziu-me a uma breve recapitulação das duas frases essenciais do poema: “no coração do porto a fonte jorra” e “do coração do porto até ao mundo”. Resta acrescentar que circula, por esta música, um sentido positivo, servido por uma escrita transversal e abrangente, mais preocupada em juntar do que em separar. As sonoridades abertas de grande parte da harmonia – particularmente sublinhadas em “a fonte jorra”, “ventre da manhã”, “o sol contra o granito”, “um fio de luz” ou “até ao mundo” – revelam uma vez mais o meu eterno fascínio pela cor e pela luz. E acrescentam o olhar maravilhado e cúmplice com que vejo esta cidade única.

“no coração do porto”, para coro e orquestra, foi encomendada pela Universidade do Porto, para assinalar o seu centenário.

José Ferreira Lobo, Direcção Musical

José Ferreira Lobo iniciou a sua actividade profissional em 1979 como Maestro Director da Camerata do Porto, orquestra de câmara que fundou com Madalena Sá e Costa.

Com a colaboração de solistas prestigiados internacionalmente, apresentou-se em inúmeros concertos, no país e no estrangeiro. Em 1992, funda a Associação Norte Cultural, sendo o seu projecto o vencedor do primeiro Concurso para criação de Orquestras Regionais, instituído pelo estado português. Neste contexto, cria a Orquestra do Norte, de que é o seu Maestro Titular e Director Artístico.

Colaborou com artistas consagrados internacionalmente como Krzysztof Penderecki, José Carreras, Júlia Hamari, Regis Pasquier, Katia Ricciarelli, Patrícia Kopatchinskaya, Michel Lethiec, Eteri Lamoris, António Rosado, Dame Moura Linpany, Svetla Vassileva, José de Oliveira Lopes, Vincenzo Bello e Fiorenza Cossotto.

Da sua carreira internacional destaca-se a direcção de ópera e concerto na África do Sul, no Brasil, na Alemanha, China, Coreia do Sul, no Chipre, em Espanha, nos Estados Unidos da América, no Egipto, em França, na Holanda, Inglaterra, República Checa, Eslováquia, Lituânia, Itália, Letónia, no México, na Polónia, Roménia, Rússia, Suíça, Turquia, Colômbia e na Venezuela, colaborando com orquestras de renome como Manchester Camerata, Orquestra Sinfónica Nacional da Lituânia, Orquestra de Cannes, Orquestra Sinfónica da Galiza, Orquestra Sinfónica de Izmir, Orquestra Filarmónica Checa, Orquestra Sinfónica de Istambul, Orquestra CRR de Istambul, Orquestra da Rádio Televisão de Pequim, Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Orquestra da Rádio Nacional de Holanda, Orquestra Sinfónica do Estado do México, Orquestra Sinfónica da Universidade de Nuevo Leon, Filarmónica Artur Rubinstein – Lodz, Orquestra Hermitage de St. Petersburg, Orquestra Sinfónica de Zurique – Tonalle, Sinfonietta Eslovaca, Sinfonia Varsóvia, Orquestra Filarmónica de Montevideo, Orquestra Nacional de Atenas e com os Seoul Classical Players.

José Luís Borges Coelho, Direcção do Coro

Nasceu a 16 de Outubro de 1940, em Murça. É licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e diplomado com o Curso Superior de Canto do Conservatório de Música do Porto (Classe da Prof.^a Fernanda Correia), tendo estudado Composição com Jorge Peixinho (Harmonia) e Filipe Pires (Contraponto e Fuga).

Leccionou História da Música, Composição, Canto, Técnica Vocal, Direcção Coral e Prática Coral, em diversas instituições dedicadas ao ensino especializado da música e do teatro, tendo sido também professor de Português, História, Introdução à Sociologia, Introdução à Política, em diversas escolas preparatórias e secundárias do Grande Porto.

Foi Presidente do Conselho Directivo do Liceu Alexandre Herculano, do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, Director Pedagógico da Academia de Música de Viana do Castelo e da Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore e presidiu ao Conselho Científico da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto.

Integrou, entre 1975 e 1980, o primeiro Núcleo de Inspeção da Zona Norte do Ensino Secundário e desempenhou, mais tarde, as funções de técnico do Ministério da Educação para a área da música no Gabinete de Ensino Técnico, Artístico e Profissional, responsável pela criação das escolas profissionais de música a cuja configuração curricular esteve intimamente ligado.

Foi, durante alguns anos, Director Artístico do Orfeão do Porto e do Coral Misto Sacro de S. Tarcísio. Dirigiu também, entre 1983 e 1994, o Coro do Círculo Portuense de Ópera, que preparou para a representação de algumas das grandes obras do repertório operístico, coral e coral sinfónico. Dirige o Coral de Letras da Universidade do Porto desde a sua fundação (1966). Orientou ainda ateliers de música de autores portugueses, na Semana Coral Internacional de Lisboa, na II Semana Coral Internacional de Évora, no Festival Internacional Costa Azul, nas Jornadas Eborae Mvsica.

Colaborou com o TEP – Teatro Experimental do Porto, criando música original para espectáculos como Morgado de Fafe Amoroso (1958), Frei Luís de Sousa (1978) e para Os Amores de Dom Perlimplim com Belisa em Seu Jardim (1985). Colaborou também com a Seiva Trupe na concepção musical do espectáculo A Queda d'um Anjo (1978). É o autor do arranjo para piano do tema mais recorrente da película Inquietude, de Manoel de Oliveira, bem como da música original do seu mais recente filme – Cristóvão Colombo, o Enigma.

Prestou colaboração, durante vários anos, ao Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim e a outras entidades, designadamente, Centro Cultural de Belém, Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos, Auditório de Serralves, Festival dos Capuchos, bem como a edições discográficas, escrevendo as notas de programa. Em curso, tem a revisão da edição das vinte e quatro séries de Canções Regionais Portuguesas de Fernando Lopes-Graça. Traduziu Erasmo, de Huizinga, para a Portugália Editora; Autómatos, Automatismo, Automatização, de Pierre Devaux; e Didáctica da Escola Activa, de Francesco da Bartolomeis, ambos para a editora Livros Horizonte.

José Luís Borges Coelho destaca-se ainda por ser um cidadão activo, politicamente envolvido em vários sectores da vida nacional. Entre outras coisas, foi membro fundador do Sindicato dos Professores do Norte; membro fundador e 1.º Vice-Presidente da Associação dos Profissionais do Ensino da Música; várias vezes candidato a deputado pelas listas da APU e da CDU, por proposta do PCP; membro da Assembleia Municipal de Murça, pela APU (início dos anos 80); membro do Sector Intelectual da Direcção da Organização Regional do Porto do PCP e, por várias vezes, também da sua direcção; membro do Conselho Regional do PCP e membro da Assembleia Municipal do Porto, na bancada da CDU. Foi ainda Membro dos Conselhos Gerais da extinta Culturporto, da Fundação para o Desenvolvimento Social

do Porto e do Instituto Politécnico do Porto, em representação da Fundação Casa da Música. Integrou o Conselho de Administração da Sociedade Porto 2001 e, presentemente, faz parte do Conselho de Administração da Fundação Casa da Música.

A Associação das Colectividades do Concelho do Porto atribuiu-lhe o Galardão de Mérito Associativo e a Câmara Municipal do Porto a Medalha de Mérito, Grau Ouro.

Coral de Letras da Universidade do Porto

O Coral de Letras da Universidade do Porto (CLUP) é um coro amador, com sede na cidade do Porto, Portugal, dirigido desde a sua fundação, em 1966, por José Luís Borges Coelho. O CLUP tem o apoio da Reitoria da Universidade do Porto.

A actividade Coral de Letras da Universidade do Porto alimenta-se, do repertório a cappella de todas as épocas. Mas não deixa de abordar, com alguma frequência, o acervo dos oratórios, das cantatas, da música coral sinfónica, num leque de estilos tão vário e tão distante quanto Jephthé, de Carissimi e Dies Irae, de Penderecki, passando por Buxtehude, Bach (várias cantatas, Oratório de Natal,) Haydn (Stabat Mater, A Criação), Bomtempo (Quatro Absoluções, em primeira audição moderna), Beethoven (Nona Sinfonia, de parceria com o Coro do Círculo Portuense de Ópera), Mendelssohn (Sonho de Uma Noite de Verão), Fauré (Requiem), Britten (Cantata Misericordium, The Prodigal Son, War Requiem), Victorino d'Almeida (Sinfonia Concertante), Janacek (A Raposinha Matreira), Fernando Lopes-Graça (Requiem pelas Vítimas do Fascismo em Portugal), Debussy (Sirenes), W.A. Mozart (Requiem e Davide Penitente).

É, contudo, a música portuguesa que ocupa, por princípio, o lugar de relevo nos seus programas, assumindo aí especial importância quer a polifonia de autores portugueses, quer a obra de Fernando Lopes-Graça e em particular as “Canções Regionais Portuguesas”, das quais produziu um número considerável de primeiras audições. Estreou recentemente Motetes para um tempo de Paixão de Eurico Carrapatoso.

A sua versatilidade é também sublinhada pela disponibilidade com que tem vindo a responder a apelos de outras e muito diversas índoles, traduzindo-se: — na presença sistemática nas comemorações do 25 de Abril, na Baixa do Porto; — na participação em actos vários, comemorativos da Revolução Francesa, por altura do Bicentenário, com cantos da época; — na participação, igualmente com música da época, na reconstituição de feiras medievais;

- na realização de concertos em torno da opereta na obra de Eça de Queirós;
- na participação em sessões de homenagem a personalidades marcantes da vida pública portuguesa, como Abel Salazar, Rui Luís Gomes, Fernando Lopes-Graça, Óscar Lopes, D. Domingos de Pinho Brandão, ou nos doutoramentos honoris causa de Mário Soares, Manoel de Oliveira, Xanana Gusmão, José Ramos Horta, Ximenes Belo, entre outros;
- na frequência com que é solicitado a contribuir para a solenidade de sessões do mais variado tipo;
- na participação nos megaconcertos de encerramento da primeira grande digressão nacional de Pedro Abrunhosa e dos Bandemónio;
- na participação na dobragem da banda sonora d’ “O Corcunda de Notre Dame” da Walt Disney;
- na participação na banda sonora do filme “Capitães de Abril” de Maria de Medeiros.

O CLUP foi premiado em vários festivais internacionais (catorze prémios para seis festivais, desde as classes de solistas às de “Grande Coro Misto”), designadamente no Teeside, Norte de Inglaterra (1970, 1986, 1990), Llangollen, País de Gales (1981), Limburg, Alemanha e Neuchâtel, Suíça (1987).

O Coral de Letras da Universidade do Porto foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

Orquestra do Norte

A Orquestra do Norte concretiza, desde 1992, o projecto de descentralização da cultura musical, apresentado pela Associação Norte Cultural, vencedor do primeiro concurso nacional para a criação de orquestras regionais, instituído pelo Estado Português nesse mesmo ano.

Com a titularidade de José Ferreira Lobo, a ON foi iniciadora de um trabalho verdadeiramente pioneiro e inédito, tendo-se afirmado no panorama da música erudita, sendo hoje uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente.

Os objectivos básicos pelos quais sempre se pautou a actividade da Orquestra do Norte passam pela criação de novos públicos, pelo apoio à música e aos músicos portugueses e pela constante renovação do repertório. Dezoito anos depois, estes critérios continuam a ser fundamentais para a instituição.

Agente de transformações na gestão cultural do nosso País e criadora de um novo paradigma musical, desenvolve uma intensa actividade com temporadas regulares de norte a sul do país. Realizou mais de 3.000 espectáculos em mais de uma centena de diferentes lugares. A ON apresentou-se ainda em Espanha, França e Alemanha.

Consciente da importância que representam o aumento e a diversificação da oferta artística qualificada no desenvolvimento cultural da população, no alargamento de públicos e na formação do gosto, a Orquestra do Norte apresentou as obras mais representativas dos grandes compositores da história da música. Servindo o grande repertório orquestral, desde o barroco até ao presente, dá especial atenção à difusão da música portuguesa. João de Sousa-Carvalho, Luís de Freitas Branco, Francisco Lacerda, Corrêa de Oliveira e Joly Braga Santos foram alguns dos compositores portugueses abordados.

Os espectáculos da ON incluem concertos sinfónicos, didáctico-pedagógicos, ópera, música de bailado e de câmara. Para além da música erudita, tem abarcado outros géneros musicais, como é o caso do Jazz e música ligeira.

A programação da Orquestra do Norte abriu-se a um repertório mais amplo e variado no qual, juntamente com as partituras básicas do repertório sinfónico ocidental, abundam primeiras audições, tanto de música

de recente criação, como partituras recuperadas do passado histórico-musical. Com isto, a ON prossegue e intensifica a sua vontade de atender à música dos nossos dias, apresentando obras de compositores como Krzysztof Penderecki, Kristoff Maratka, Karl Fiorini, Alexandre Delgado, Filipe Pires, Nuno Côrte-real, Miguel Faria, José Firmino de Moraes Soares, Joaquim dos Santos, Marc-André Rappaz, Emile Ceunink e François-Xavier Delacoste.

Sedeada na cidade de Amarante, a Orquestra do Norte integra profissionais de reconhecido mérito e tem, habitualmente, a colaboração de prestigiados maestros, solistas e coros nacionais e estrangeiros. Dos conceituados directores de orquestra que subiram ao pódio da ON referimos Juozas Domarkas, Krzysztof Penderecki, Federico Garcia Vigil, Álvaro Cassuto e Rengim Gokmen.

Alguns dos mais destacados solistas vocais e instrumentais portugueses e estrangeiros actuaram nos concertos da ON: entre muitos nomes destacamos António Rosado, Eva Maria Zuk, Avri Levitan, Patricia Kopatchinskaja, Kirill Troussov, Michel Lethiec, Robert Kabara, Plácido Domingo, José Carerras, Ileana Cotrubas, Julia Hamari, Fiorenza Cossoto e Svetla Vassileva.

Para além da participação regular do seu próprio coro – ensemble de elevado nível musical – a Orquestra do Norte colaborou ainda, entre outros, com o Coro Nacional de São Carlos, Orfeão de Pamplona e com o Coro de Nuremberga.

A assistência da ON ronda os cinquenta mil espectadores/ ano, o que revela a sua capacidade de resposta aos diferentes tipos de público e o especial cuidado com a formação dos jovens, através dos concertos pedagógicos que são orientados e executados numa perspectiva didáctica.

A orquestra dedica ainda parte do seu tempo a gravações, tendo co-produzido até ao momento 13 edições discográficas.

A Orquestra do Norte conta com o apoio do Ministério da Cultura e tem colaborado com setenta e uma autarquias, fundações, empresas patrocinadoras e instituições culturais.

**Concerto Integrado
nas Comemorações do Centenário
da Universidade do Porto**

COORDENAÇÃO

Luís Valente de Oliveira

ESCOLHA DAS PEÇAS

José António Barros

José Ferreira Lobo

Luís Valente de Oliveira

DIRECÇÃO MUSICAL

José Ferreira Lobo

— Orquestra do Norte

DIRECÇÃO DO CORO

José Luís Borges Coelho

— Coral de Letras

da Universidade do Porto



DESIGN E ILUSTRAÇÃO DE RUI MENDONÇA

APOIOS:

ANTIGOS ALUNOS DA U.PORTO + COMUNIDADE ACADÉMICA DA U.PORTO

